

O NEOLIBERALISMO

As eleições depois da queda do Muro de Berlim revelaram que era falsa a morte do socialismo

Neiva Moreira

Magalhães Pinto, com uma destacada atuação na vida pública brasileira, costumava dizer que a política era como as nuvens, modificando rapidamente sua configuração. Aquilo que, hoje, parece um "rolo compressor", uma política com reflexos duradouros no quadro institucional, pode modificar-se com acontecimentos que, à véspera, eram imprevisíveis.

A maioria dos analistas, alguns dos quais estão até diplomados como "cientistas políticos", não teriam ouvido as sábias e prudentes observações do ex-governador, ministro e senador mineiro e continuaram jogando cegamente no que dizem as manchetes dos jornais.

Foi assim com a "morte anunciada" do socialismo, depois da queda do Muro de Berlim e da dissolução da União Soviética. Alguns analistas, considerados dos mais lúcidos, afirmavam que o mundo havia varrido do dicionário a palavra socialismo e que já não existia – e nem existiria – a polarização direita e esquerda que marcara, historicamente, as lutas políticas e sociais passadas e atuais.

Realmente, as eleições que então se realizavam foram desastrosas para a esquerda, mas mesmo assim, nesse clima que transformava o neoliberalismo no novo mito assim como o lucro e o mercado nos motores do desenvolvimento, as reações não tardaram.

Uruguai, a primeira reação

A primeira delas veio do Uruguai com a vitória, em novembro de 1989 (pouco depois da queda do Muro de Berlim), da coligação de esquerda Frente Ampla, na eleição para a Prefeitura (*Intendencia*) de Montevideú. O prefeito eleito, Dr. Tabaré Vázquez, filiado ao Partido Socialista, pela primeira vez na história uruguaia conseguia derrotar os tradicionais Partidos Colorado e Blanco, expoentes das idéias neoli-



O X A ESQUERDA

berais. Essa eleição já fora travada sob o signo de uma forte polarização ideológica.

Em setembro de 1993, uma eleição na Noruega chamou a atenção internacional. Estava em jogo a candidatura de uma das líderes do pensamento social democrata europeu, a sra. Gro Harlem Brundtland, primeira-ministra e líder do Partido Trabalhista norueguês. Gro, que vimos atuando em várias conferências internacionais com um discurso progressista e de profundo conteúdo social, só tinha 25% nas pesquisas meses antes, mas ganhou com quase 40% dos votos. A primeira-ministra era alvo de uma exasperada campanha da direita neoliberal.

Seu governo anterior fora marcado pelo êxito contra a inflação (abaixo dos 2% por ano), uma política social muito popular, mantendo-se os preços estáveis com juros baixos, o que poderia parecer uma heresia para os ortodoxos do neoliberalismo, como os ministros Cavallo, na Argentina, e Serra e Malan, no nosso país.

Menos de um mês depois, em outubro de 1993, na Grécia a vitória do Movimento Socialista Pan-Helênico (Pasok) trouxe de volta ao poder o primeiro-ministro Andreas Papandreou, que derrotou os conservadores por 47% contra 39%. Uma das razões do apoio popular aos socialistas foi a decepção com a política econômica do ex-premier Constantin Mitsotakis, que não conseguiu conter a inflação, a mais alta da Europa, superando os 13% anuais, apesar dos elevados custos sociais do seu programa neoliberal.

Esses exemplos, no entanto, não convenceram os observadores internacionais, sobretudo quando pontificavam nos Estados Unidos e Inglaterra, expoentes do neoliberalismo, as lideranças de Ronald Reagan e Margaret Thatcher. De qualquer maneira, eram demonstrações de que a esquerda não estava morta.

Reviravolta no Leste europeu

Outros exemplos dessa tendência aconteceram no Leste europeu. Nas primeiras eleições livres depois do domínio stalinista, dois ex-comunistas e atuais dirigentes social-democratas, Anatolijs Gorbunovs, na Letônia (junho de 1993), e Algirdas Brazauskas (fevereiro de 1993), na Lituânia, venceram as eleições, derrotando fortes coligações de direita. Na Hungria, Bulgária e Polônia, ex-comunistas e agora dirigentes de partidos de esquerda foram os vitoriosos nos pleitos realizados entre 1993 e 1994. Na Rússia, é incerto o futuro, mas as próprias pes-

quisas governamentais revelam que o presidente neoliberal Boris Yeltsin ocupa um dos últimos lugares na preferência popular.

Na Europa ocidental, a modificação do panorama – que alguns comentaristas chamam de “retorno socialista” – verificou-se nos últimos meses. Em novembro de 1994, os social-democratas voltaram ao poder na Suécia após a importante vitória sobre os conservadores, com mais de 51% dos votos. O resultado dessas eleições iniciou uma nova fase nos países mais ricos da Europa, reforçada pelo desempenho das forças progressistas na Itália e na França em maio passado.

Na Itália, a esmagadora vitória da esquerda nas eleições de abril em 15 regiões, 75 províncias e mais de 5 mil cidades surpreendeu mesmo os seus partidários mais otimistas. Quem ganhou foi o velho Partido Comunista Italiano, agora rebatizado de Partido Democrático de Esquerda (PDS, na sigla italiana), que se afirmou como a primeira força política do país. O conceituado correspondente do *Jornal do Brasil* em Roma, Araújo Neto, destacou não apenas a vitória do PDS, mas também de um setor comunista que se manteve fiel à velha sigla e organizou o Partido de Refundação Comunista – “a mais radical força das esquerdas italianas” – que obteve 8,6% dos votos nas 15 regiões. Foi nítida a tendência de esquerda do eleitorado, desmentindo todas as pesquisas de boca-de-urna e as últimas pesquisas anteriores à consulta popular.

O grande derrotado foi o Pólo da Liberdade, do magnata e ex-primeiro-ministro Silvio Berlusconi, dono de três grandes cadeias

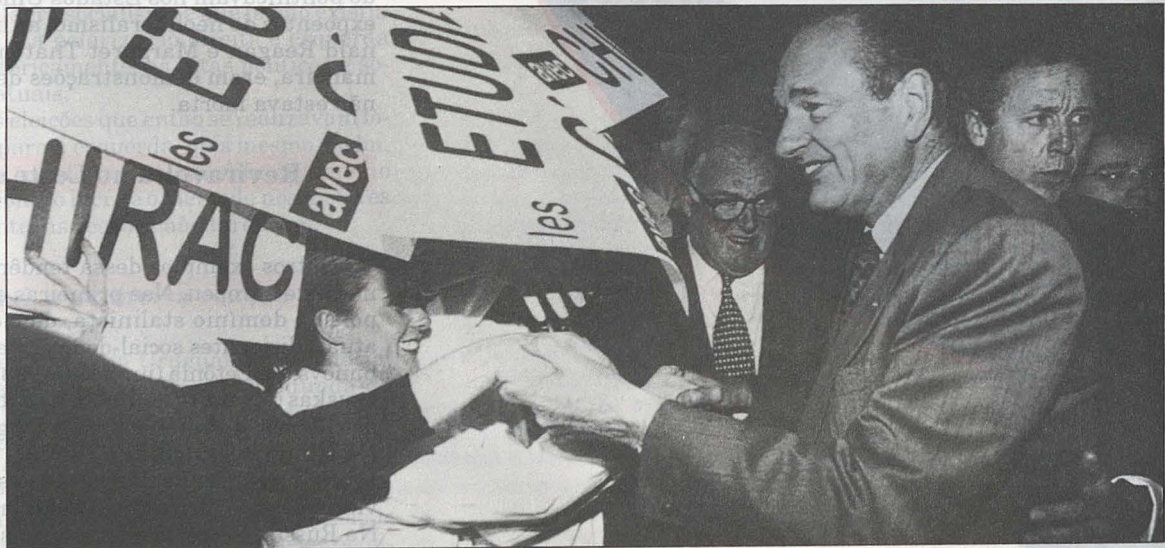
de televisão, bancos e muitas empresas, e que pretendeu ser o símbolo de uma direita modernizada e majoritária.

Na França, a batalha foi mais dura. O Partido Socialista, que expressa a opção de esquerda, era apresentado em todas as pesquisas como o grande derrotado, com pouco mais de 12% dos votos. Ao contrário disso, ganhou o primeiro turno contra os favoritos Jacques Chirac e Edouard Balladur e, no segundo turno, realizado no início de maio, obteve 47,4% contra 52,6% do candidato vitorioso, o gaulista Jacques Chirac, naquela altura prefeito de Paris. As agências de pesquisa que haviam previsto o desastre do candidato socialista, Lionel Jospin, ficaram desacreditadas, e a esquerda francesa voltou a ser uma força política de peso.

A coligação centro-esquerda que governa a Bélgica ganhou as eleições de maio último, derrotando a agressiva campanha da direita. Na Alemanha a



As recentes eleições na Argentina e na França confirmaram a recuperação das forças que se opõem ao modelo neoliberal: o reeleito presidente Menem teve em José Bordón (foto acima, esq.), da coalizão Frente do País Solidário, que reúne socialistas e ex-peronistas, um duro adversário. Na França, Jacques Chirac enfrentou um árduo segundo turno com o socialista Lionel Jospin



tendência foi a mesma. Nas eleições da Renânia – Westfália e na cidade-estado de Bremen, a esquerda social-democrata manteve-se majoritária e os liberais foram desalojados pelos verdes de sua posição de terceira força eleitoral. Não tendo alcançado os 5% exigidos pela lei, os liberais perderam, nos dois estados, o registro partidário.

Uma nova esquerda

Os resultados eleitorais na Argentina permitiram a reeleição do presidente Carlos Menem, mas o fato novo é o surgimento de uma oposição de centro-esquerda que uniu social-democratas e socialistas. Após ter conquistado 34% dos votos, essa coligação, a Frepaso, tomou o lugar da União Cívica Radical, de Raul Alfonsín, como segunda força política do país. O candidato radical Horácio Massaccesi, em parte porque as posições ideológicas dos radicais vi-



nham se aproximando da linha neoliberal do Partido Justicialista, no poder, só obteve 14% dos votos.

Não há dúvida de que o poderoso agrupamento liderado pelo ex-governador de Mendoza, José Octavio Bordón, expressa uma tendência mais nitidamente esquerdista do que os radicais de Alfonsín.

No Uruguai, a esquerda continua em ascensão. Nas eleições de novembro passado, ocorreu um resultado de dimensões históricas. Pela primeira vez, a República deixou de ser bipartidária, num rodízio de “blancos” e “colorados” que vigorou por mais de um século. O poder ficou dividido entre três forças políticas: a Frente Ampla, separada da vitória nacional por escassos 20 mil votos, passou a ser uma força determinante no cenário político-institucional.

Presidida pelo respeitado general Liber Seregni, preso durante mais de uma década pela ditadura militar uruguaia (1973-1989), a coligação de esquerda atingiu em 1994 uma vitória eleitoral em Montevideu superior ainda a de 1989: 44% dos votos contra pouco mais de 30% nas eleições anteriores. A Frente Ampla voltava assim a conquistar a Prefeitura de Montevideu, agora com a vitória do arquiteto e urbanista Mariano Arana¹.

No Senado outra confirmação dessa nova realidade: dez senadores para cada uma das correntes históricas, blancos e colorados, e nove para a Frente Ampla, mostrando que o crescimento do eleitorado de esquerda também se deu no interior do país.

As perspectivas das próximas eleições na Europa, são muito favoráveis à esquerda, seja na Inglaterra como em Portugal. Se os resultados das últimas eleições locais inglesas se reproduzissem no futuro, os trabalhistas, liderados por Tony Blair, fariam mais de 400 deputados contra pouco mais de cem dos conservadores do primeiro-ministro John Major, voltando ao governo após duas décadas.

AVEC LIONEL JOSPIN C'EST CLAIR.



Enquanto os antigos partidos comunistas recuperam a sua força política no Leste europeu, o candidato socialista Jorge Sampaio lidera as pesquisas em Portugal. A exceção nessa tendência de fortalecimento dos seguimentos progressistas foi a derrota do Psoe, de Felipe González, na Espanha



Em Portugal, o candidato à Presidência da República do Partido Socialista, Jorge Sampaio, atual prefeito de Lisboa, está à frente das pesquisas, derrotando o candidato conservador, o ex-primeiro-ministro Cavaco Silva.



Jorge Sampaio

A exceção pode estar na Espanha. Escândalos financeiros e o envolvimento de autoridades do governo na formação de uma milícia clandestina, que eliminou dezenas de separatistas bascos, chocaram o país e imobilizaram a militância do Partido Socialista Operário Espanhol (Psoe), liderado por Felipe González. Essa situação refletiu-se nas recentes eleições, quando o Partido Popular, de direita, obteve uma nítida vitória, ganhando em mais de 40 das 51 capitais municipais.

Apesar disso, os resultados foram menos dramáticos do que se esperava para os socialistas, que estiveram próximos do desempenho na eleição anterior. No seu conjunto, as forças antineoliberais mantiveram a sua votação. A União da Esquerda, tendo à frente o Partido Comunista, alcançou 12% dos votos e é hoje a terceira força eleitoral da Espanha.

Os novos tempos

Quando se analisam os resultados eleitorais pós-Muro de Berlim, é fácil verificar que a "morte anunciada" do socialismo não ocorreu. Ao contrário,

em geral, partidos socialistas ou que se filiam às correntes de esquerda ganham eleições ou avançam na preferência popular. Também é visível a diferença ideológica e programática que separa as experiências socialistas das práticas neoliberais. Duas linhas gerais embasam os programas neoliberais: o debilitamento do Estado e o endeusamento do mito do mercado como solução mágica de todos os problemas.

Os socialistas não desconhecem a importância do mercado, mas defendem um Estado forte capaz de discipliná-lo e corrigir as suas distorções e as injustiças sociais que propicia. A queda dos índices de eficácia nos serviços de educação e saúde no modelo de governos neoliberais, como o da Inglaterra, revelou sua face cruel e injusta. Os governos de inspiração socialista demonstraram muito maior capacidade na administração desses desafios, na redução dos desníveis salariais, nos programas de privatização, na luta contra o desemprego e, de um modo geral, na solução dos múltiplos problemas sociais do nosso tempo.

Mesmo quando candidatos neoliberais vitoriosos assumem as

responsabilidades de governo, como Menem, na Argentina, ou Chirac, na França, e têm que apontar soluções, deixam de lado a utopia da riqueza privada multiplicando os postos de trabalho e buscam políticas e medidas admi-



Felipe González

nistrativas que só o Estado pode assegurar para o ameaçador problema do desemprego.

Essa está sendo a bandeira dos novos governos francês e argentino, esquecidos de que, na campanha eleitoral, jogavam todas as suas esperanças na onipotência do mercado e da iniciativa privada. Chirac incorporou, também, uma tese básica da esquerda, que é a luta em favor dos excluídos. Agora, é necessário esperar o que realmente fará, sem irritar os setores da direita racista que asseguraram sua escassa maioria sobre os socialistas.

Todo esse quadro conduz a uma conclusão: o confronto histórico entre direita e esquerda não desapareceu. Os novos tempos indicam que se acentua a velha polarização, agora entre um neoliberalismo apegado aos seus mitos – Estado mínimo, mercado livre, lucro sem controle e privatizações – e as correntes de esquerda que buscam modernizar o projeto socialista. Para isso, é preciso livrá-lo dos respingos do stalinismo e dos preconceitos que, no passado, isolaram politicamente os seus governos e bloquearam alianças que teriam aberto o caminho do êxito.

¹Montevideu representa quase a metade do eleitorado do Uruguai